

A CHINA, A RÚSSIA E A REINVENÇÃO DA EURÁSIA

CARLOS GASPAR

cemedeiros@autonoma.pt

Investigador integrado do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Professor Catedrático Convidado, Universidade Autónoma de Lisboa e Investigador Associado no OBSERVARE, Observatório de Relações Exteriores. Assessor do Conselho de Administração da Fundação Oriente. Assessor do Instituto de Defesa Nacional. Membro do European Council on Foreign Relations. Membro do Conselho de Assessores do Real Instituto Elcano. Membro da Associação Portuguesa de Ciência Política. Autor de *O Pós-Guerra Fria* (2016); *A Balança da Europa* (2017); *Raymond Aron e a Guerra Fria* (2018); *O Regresso da Anarquia* (2019); *O Mundo de Amanhã* (2020); *O Fim da Europa* (2022).

Resumo

No post-Guerra Fria, a transformação das relações entre a Rússia e a China é inseparável da reinvenção da Eurásia, que está no centro da nova aliança entre as duas principais potências continentais. As estratégias revisionistas da Rússia de Putin e da China de Xi Jinping dependem da convergência sino-russa. Moscovo e Pequim começaram a construir uma ordem alternativa a partir da organização multilateral do espaço euroasiático, cujo contraponto é a estratégia dos Estados Unidos no Indo-Pacífico. Esse processo abre caminho à emergência da China como a principal potência euroasiática, pela primeira vez na história internacional.

Palavras-chave

Eurásia, China, Rússia, Ordem mundial, Belt and Road Initiative

Abstract

In the post-Cold War, the transformation of relations between Russia and China is inseparable from the reinvention of Eurasia, which is at the centre of the new alliance between the two main continental powers. The revisionist strategies of Putin's Russia and Xi Jinping's China depend on Sino-Russian convergence. Moscow and Beijing have begun to build an alternative order based on the multilateral organisation of the Eurasian space, the counterpoint to which is the US strategy in the Indo-Pacific. This process is paving the way for China to emerge as the leading Eurasian power for the first time in international history.

Keywords

Eurasia, China, Russia, World order, Belt and Road Initiative

Como citar este artigo

Gaspar, Carlos (2023). A China, a Rússia e a reinvenção da Eurásia. *Janus.net, e-journal of international relations*, Vol14 N2, Novembro 2023-Abril 2024. Consultado [em linha] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.14.2.1>

Artigo recebido em 1 de Setembro de 2023 e aceite para publicação em 5 de Setembro de 2023





A CHINA, A RÚSSIA E A REINVENÇÃO DA EURÁSIA

CARLOS GASPAR

No dia 16 de Maio, o Embaixador Li Hui, Representante especial para a Eurásia, iniciou em Kyiv os seus contactos diplomáticos para discutir a "resolução política da crise ucraniana", nos termos do anúncio feito pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros em Pequim. Depois de passar por Varsóvia, Berlim, Paris e Bruxelas, a sua missão terminou em Moscovo, onde Li Hui foi o Embaixador da República Popular da China entre 2009 e 2019, uma década crucial para a consolidação da aliança entre as duas grandes potências continentais.

Não há notícia de que a China - a nova China ou o velho Império do Meio - tenha jamais nomeado um "Representante especial para os assuntos euroasiáticos". A estrutura organizativa do Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês não tem nenhum departamento para a Eurásia, embora exista um Departamento da Ásia Central e da Europa. Também não há notícia de que a Eurásia tenha passado a ser um termo corrente no debate político chinês, tal como a Eurásia como conceito geopolítico não é uma referência típica nos estudos de estratégia e de relações internacionais na China. E, todavia, existe um enviado especial de Pequim para a Eurásia, que incluiu no seu perímetro a Rússia, a Alemanha, a França, a Polónia e a Ucrânia: só a Rússia post-soviética assume a sua identidade euro-asiática, que é estranha aos outros quatro Estados europeus visitados pelo representante chinês para os assuntos euroasiáticos.

A novidade da diplomacia chinesa - uma coisa rara em si mesma - tem as suas origens na reinvenção da Eurásia na evolução das relações entre a China e a Rússia desde o fim da Guerra Fria. A decomposição da União Soviética é o ponto de partida para a reconstrução da Eurásia, o **leit-motiv** das velhas teorias pan-eslavistas que hibernaram durante as décadas do regime comunista russo, mesmo quando Stalin e Mao Tsetung decidiram concretizar a unidade euroasiática com a assinatura do tratado de aliança sino-soviético em 1950.

O fim do império soviético foi, ao mesmo tempo, uma catástrofe ideológica para o regime comunista chinês e uma benção estratégica para a equação de segurança da China, que deixou de estar concentrada na ameaça soviética e pôde realizar plenamente o programa de reformas e de abertura internacional de Deng Xiaoping. A estratégia reformista



traduziu-se na "asianização" da nova China, que assegurou o processo de modernização acelerada e a ressurgência do velho império como uma grande potência internacional.

Nesse sentido, a ruína da União Soviética significa, desde logo, uma mudança do centro de gravidade estratégica da China, que se desloca do **hinterland** continental para a faixa costeira, onde se concentra a melhor parte da sua economia industrial. Por outro lado, o declínio da Rússia abre caminho para a normalização das relações bilaterais entre Moscovo e Pequim, com a conclusão do processo de definição das fronteiras entre os dois Estados, em 1994, e a formalização da primeira versão da "parceria estratégica" entre a China e a Rússia, na cimeira que reúne o Presidente Jiang Zemin e o Presidente Boris Yeltsin, dois anos depois. Por último, a decomposição do império soviético significa que a República Popular da China passa a ter três novos Estados contíguos - o Kazaquistão, a Kirguízia e o Tajiquistão, três das cinco ex-Repúblicas soviéticas da Ásia Central, que Pequim reconhece desde 1992.

A prioridade para a China é completar as conversações sobre a demarcação territorial que iniciou ainda com a União Soviética. Nesse quadro, retoma o processo com os três Novos Estados Independentes, com os quais conclui acordos de fronteiras separados entre 1994 e 1996, que alargam o território da República Popular da China na Ásia Central¹.

Acto contínuo, a China reúne a Rússia, o Kazaquistão, o Kirguistão e o Tajiquistão em Shanghai para estabelecer um quadro de concertação multilateral que possa assegurar a estabilidade política na sua rectaguarda continental². Em 2001, os "**Shanghai Five**" instituem a Organização de Cooperação de Shanghai (SCO), que inclui também o Uzbequistão. As prioridades da SCO concentram-se no domínio securitário, incluindo a neutralização dos movimentos pan-islamistas e das redes terroristas islâmicas, nomeadamente o Movimento para a Independência do Turquestão Oriental (ETIM), que organiza a oposição dos Uyghurs no Xinjiang. Paralelamente, a Rússia garante a segurança do Kazaquistão, do Kirguistão e do Tajiquistão, que são membros do Tratado de Segurança Colectiva (CSTO) desde 1992.

A SCO é a primeira instituição multilateral de segurança criada pela China no post-Guerra Fria, que confirma uma convergência relevante entre Pequim e Moscovo, empenhados ambos em definir um quadro de estabilidade política na Ásia Central, que é o "separador" regional entre as duas grandes potências continentais desde o século XIX³. É também, **avant la lettre**, a primeira instituição euro-asiática, formada num momento em que a Rússia quer regressar à Europa e a China se está a tornar a potência hegemónica da Ásia Oriental.

¹ A China obteve 16 mil km² de território na redefinição das fronteiras com as três novas Repúblicas da Ásia Central. Jeffrey Mankoff (2023). "The War in Ukraine and Eurasia's New Imperial Moment". Washington Quarterly 45 (2): 138. Jeffrey Mankoff (2022). Empires of Eurasia. How Imperial Legacies Shape International Security. New Haven: Yale University Press. Ver também Daniel Markey (2020). China's Western Horizon. Beijing and the New Geopolitics of Eurasia. Oxford: Oxford University Press.

² Yuan Jingdong (2010). "China's Role in the Establishment of the Shanghai Cooperation Organization". Journal of Contemporary China 19 (67): 855-869. Alyson Bailes et al (2007). The Shanghai Cooperation Organization. SIPRI Policy Paper 17.

³ David Dallin (1949). The Rise of Russia in Asia. New Haven: Yale University Press.



Essa dinâmica não se vai alterar nos anos seguintes. Enquanto os Estados Unidos, depois do "11 de Setembro", se concentram no "Grande Médio Oriente", incluindo o Afeganistão e a Ásia Central - as tropas norte-americanas instalam bases militares temporárias no Kirguistão, no Tajiquistão e no Uzbequistão para apoiar as suas operações contra os **Talebans** -, a Rússia e a China mantêm a sua "parceria estratégica" e continuam de costas voltadas, uma virada para a "Europa de Lisboa a Vladivostok", a outra para a Ásia marítima.

Tudo muda dez anos depois, quando se torna evidente que a China deixou de ser uma potência regional emergente e passou a ser um **challenger** que pode desafiar a preeminência internacional dos Estados Unidos, posta em causa pela divisão da coligação ocidental na Guerra do Iraque, pela **débâcle** da ocupação militar do Iraque e pela crise financeira internacional.

As respostas da Rússia e dos Estados Unidos à "ascensão pacífica" da China são simétricas e opostas. Em Moscovo, o Presidente Vladimir Putin reconhece que o centro de gravidade da política internacional se deslocou para a Ásia e defende o "**pivot** oriental" da Rússia⁴ para consolidar a aliança com a China e, simultaneamente, para a integrar numa "Grande Eurásia", o que torna prioritário reintegrar o espaço post-soviético no quadro de uma União Euroasiática, incluindo uma União Económica Euroasiática (EEU) que exclui a principal potência asiática⁵.

A resposta da Rússia à ressurgência da China é a reinvenção da Eurásia, cujo centro se deslocou de Moscovo para Pequim, como reconhecem os estrategas russos alinhados com o Kremlin, incluindo Sergei Karaganov e Timofei Bordachev⁶. A referência à Eurásia é natural, uma vez que esse conceito é parte integrante da cultura estratégica russa desde o século XIX e, adicionalmente, essa visão evoca o projecto imperial russo, sem ter de se alinhar com a ideologia radical dos novos pan-eslavistas russos, representada por Alexander Dugin⁷.

Em Washington, o Presidente Barack Obama reconhece que o centro da gravidade da política internacional se deslocou do Atlântico para o Pacífico e do "Grande Médio Oriente" para a "Grande Ásia". Nesse quadro, defende o "**pivot** asiático" da estratégia norte-americana para conter a ascensão da China e, simultaneamente, para a integrar na ordem internacional, nomeadamente no G20, como um "**responsible stakeholder**". Essa viragem histórica torna prioritário reorganizar as suas alianças e as suas parcerias

⁴ Jeffrey Mankoff. Russia's Asia Pivot. Confrontation or Cooperation? CSIS, 2 de Fevereiro de 2015. Mikhail Troitskiy (2014). The Sino-Russian Pivot and American Power. MGIMO, Pin Points 40. Ekaterina Kuznetsova, Vladimir Inozemtsev (2013). "Russia's Pacific Destiny". American Interest, 10 de Outubro de 2013. Fiona Hill, Bobo Lo. "Putin's Pivot. Why Russia is Looking to the East". Foreign Affairs, 31 de Julho de 2013. Kadri Liik, editor (2014). Russia's Pivot to Eurasia. ECFR.

⁵ Putin define a EEU como uma "associação supranacional" que deve ser um pólo internacional e uma ponte entre a Europa e a Ásia-Pacífico. Jeffrey Mankoff (2023): 140. Ver também Vladimir Putin. "A New Integration Project for Eurasia. The Future in the Making." Permanent Mission of the Russian Federation to the European Union, 3 de Outubro de 2011.

⁶ Sergei Karaganov. "From East to West, or Greater Eurasia". Global Affairs, 25 de Outubro de 2016. Sergei Karaganov, Timofei Bordachev (2017). The Turn To The East To Greater Eurasia. Valdai Report. Toward the Great Ocean 5.

⁷ Marlene Laruelle (2015). Eurasia, Eurasianism, Eurasia Union. PONARS Eurasia Policy Memo 336. Marlene Laruelle (1999). *L'idéologie eurasiiste ou comment penser l'empire*. Paris: L'Harmattan.



na Ásia-Pacífico com a formação da nova Parceria do Trans-Pacífico (TPP), que exclui a principal potência asiática⁸.

A resposta dos Estados Unidos à ressurgência da China é a reinvenção do Pacífico, que se alarga para passar a ser o Indo-Pacífico - a fórmula original do Primeiro-Ministro Shinzo Abe que une o Japão, a Austrália e a Índia à principal potência marítima para impedir a emergência de uma "Ásia unipolar"⁹. A referência transoceânica é natural na cultura estratégica da principal potência marítima, que organizou a derrota da União Soviética a partir da aliança transatlântica e os Estados Unidos reproduzem esse modelo na coligação quadrilateral do Indo-Pacífico¹⁰.

Em Pequim, durante o processo de escolha do novo Secretário-Geral do Partido Comunista da China que termina com a nomeação de Xi Jinping em Setembro de 2012, o debate estratégico opõe os partidários da paciência estratégica, que defendem uma linha de continuidade para evitar um confronto prematuro com os Estados Unidos - o erro fatal da União Soviética, segundo Deng Xiaoping -, e os partidários do voluntarismo estratégico, que querem revelar a China como uma grande potência internacional e enfrentar a hegemonia norte-americana. Duas fórmulas identificam as escolhas divergentes - a velha guarda reformista quer "esconder a força da China e evitar pretensões à hegemonia" (*Tao Guang Yang Hui*), enquanto a vanguarda revisionista quer uma estratégia dinâmica para mobilizar a força da China e "alcançar resultados" na política internacional (*Fen Fa You Wei*)¹¹.

A linha defensiva defende a "Marcha para Ocidente"- uma versão chinesa do "*Drang nach Osten*" de Karl Haushofer que evoca os dilemas das estratégias continentalistas da Alemanha¹², implicitamente na versão de Wang Jisi, explicitamente na versão do General Liu Yazhou. Para Wang Jisi, se os Estados Unidos se vão concentrar na Ásia-Pacífico, a única maneira de evitar o confronto directo entre as duas grandes potências é a China concentrar-se no seu "*Drang nach Westen*" ao longo de um eixo que deve unir Shanghai a Londres - os símbolos da velha e da nova globalização¹³. Para Liu Yazhou, a defesa das fronteiras terrestres e da estabilidade na Ásia Central é mais importante do que a conquista de Taiwan: o Xinjiang deve ser reconhecido como uma posição central, decisiva tanto para assegurar uma ligação terrestre segura aos recursos energéticos concentrados na Ásia Central e no Golfo Pérsico, como para ligar a China à Ásia do Sul, ao Médio Oriente e à Turquia¹⁴.

⁸ Jeffrey Bader (2013). *Obama and China's Rise. An Insider's Account*. Nova York: Brookings Institution. Hillary Clinton (2014). *Hard Choices. A Memoir*. Nova York: Simon and Schuster. Aaron Friedberg (2022). *Getting China Wrong*. Cambridge: Polity Press. Andrew Small (2022). *No Limits. The Inside Story of China's War with the West*. Londres: Melville House.

⁹ Gudrun Wacker, Felix Heiduk (2020). *From Asia-Pacific to Indo-Pacific. Significance, Implementation, and Changes*. SWP Research Paper 9.

¹⁰ Rory Medcalf (2020). *Indo-Pacific Empire. China, America, and the Contest for the World's Pivotal Region*. Manchester: Manchester University Press.

¹¹ Yan Xuetong (2014). "From Keeping a Low Profile to Striving for Achievement". *Chinese Journal of International Politics* 7 (2): 153-184.

¹² Michel Korinman (1990). *Quand l'Allemagne pensait le monde*. Paris: Fayard.

¹³ Wang Jisi. *Marching Westwards. The Rebalancing of China's Geostrategy*. Pequim: Center for International and Strategic Studies Report, 7 de Outubro de 2012.

¹⁴ O texto é escrito pouco depois de um período de tensões políticas e sociais em Urumqi. Lu Yazhou. *On Advance Toward the West*, 8 de Agosto de 2010. Ver também Yun Sun. *March West. China's Response to U.S. Rebalancing*. Brookings Institution, 31 de Janeiro de 2013. Michael Clarke (2016). "Beijing's March West. Opportunities and Challenges for China's Eurasian Pivot". *Orbis* 62 (2): 296-313.



A linha ofensiva defende a transformação da China numa grande potência marítima para enfrentar os Estados Unidos em Taiwan e nos mares adjacentes e a competição global com a potência hegemónica implica formar uma ordem alternativa à ordem liberal. A Ásia Central é uma rectaguarda sem valor estratégico decisivo desde que se possam excluir os Estados Unidos e os seus aliados desse espaço secundário: a concertação na SCO assegura a retirada das tropas norte-americanas estacionadas no Uzbequistão, no Tajiquistão e no Kirguizistão e a retirada gradual da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e dos Estados Unidos do Afeganistão confirma esse cálculo. Yan Xuetong considera que só existem duas grandes potências internacionais - os Estados Unidos e a China - e que a inevitabilidade de uma nova divisão bipolar exige que a potência ascendente possa ter um modelo normativo próprio para criar uma nova ordem mundial¹⁵.

Em 2013, o Presidente Xi Jinping anuncia a "Rota da Seda Terrestre" em Nur-Sultan (Astana), no Kazaquistão, e a "Rota da Seda Marítima" em Djakarta, na Indonésia¹⁶. A nova estratégia - a **Belt and Road Initiative** (BRI) na sua denominação oficial, traduzido em português pela **Xinhua** como a iniciativa "Cinturão e Rota" - antecipa a reorganização da Eurásia como um espaço integrado por redes digitais, energéticas, ferroviárias e financeiras de conectividade continental ao longo de três corredores terrestres - no Sul, no centro e no Norte - e de uma rota marítima que circunda a Ásia até ao Mediterrâneo¹⁷. Pela primeira vez desde o início do período das reformas, a nova estratégia apresenta a China como um modelo de desenvolvimento político e económico alternativo ao modelo liberal¹⁸.

A **Belt and Road Initiative**, pilar da "Comunidade de Destino Comum" sinocêntrica anunciada primeiro por Hu Jintao e depois por Xi Jinping¹⁹, vai estar aberta a todos os Estados - excepto os Estados Unidos, por definição excluídos da ordem chinesa - e mais de 140 Estados, incluindo a Itália e Portugal, vão assinar acordos bilaterais com a China nesse quadro. As novas "Rotas da Seda" chinesas substituem as antigas "Rotas da Seda" europeias de Marco Polo e de Vasco da Gama e anunciam o fim do longo ciclo de ocidentalização.

A **Belt and Road Initiative** é a resposta da China à viragem estratégica dos Estados Unidos e da Rússia. Xi Jinping defende o "**pivot** euroasiático" da China para consolidar a aliança, ou a quase-aliança, com a Rússia²⁰, necessária para contrabalançar a hegemonia

¹⁵ Yan Xuetong (2019). *Leadership and the Rise of Great Powers*. Princeton: Princeton University Press.

¹⁶ A escolha do nome remete para uma iniciativa anterior dos Estados Unidos - a New Silk Road Initiative anunciada em 2011 por Robert Hormats, Subsecretário de Estado para a Economia, a Agricultura e a Energia, que queria construir redes de telecomunicações, estradas e caminhos-de-ferro para garantir a integração regional do Afeganistão. Robert Hormats. *The United States "New Silk Road" Strategy*. U.S. Department of State, 29 de Setembro de 2011.

¹⁷ Nadège Rolland (2017). *Drivers of the Belt and Road Initiative in National Bureau of Asian Research*. *China's Eurasian Century? Political and Strategic Implications of the Belt and Road Initiative*: 93-120. William Callahan (2016). "China's 'Asia Dream'. *The Belt and Road Initiative and the new regional order*". *Journal of Asian Comparative Politics*: 1-18.

¹⁸ Francis Fukuyama. "Exporting the Chinese Model", 12 de Janeiro de 2016.

¹⁹ A "Comunidade de Destino Comum", apresentada Xi Jinping no Forum da Belt and Road Initiative em 2017, é uma versão moderna do Tianxia, a ordem imperial chinesa. O seu antecessor, Hu Jintao, foi o primeiro a usar a fórmula. Jeffrey Mankoff (2022). Ver também Wang Gungwu. *On Tianxia*. *The China Story*, 6 de Agosto de 2013.

²⁰ Chen Xiaotong, Marlen Belgibayev (2014). *China's Eurasian Pivot*. *Asian Forum*, 1 de Dezembro de 2014. Bobo Lo (2019). *Greater Eurasia*. *The Emperor's New Clothes or an Idea whose Time Has Come?* Paris: IFRI Russia NEI Reports.



norte-americana. Mas a estratégia de Xi Jinping anuncia uma viragem ofensiva: a China precisa de um aliado seguro na rectaguarda continental para poder concentrar as suas forças na transição de poder e substituir a potência hegemónica em declínio, tal como precisa de se transformar numa potência marítima para lutar contra os Estados Unidos, desde logo nos estreitos da Formosa e nos mares adjacentes que quer integrar no seu espaço de soberania²¹. Nesse contexto, a China de Xi precisa mais da Rússia de Putin do que a Rússia de Putin precisa da China de Xi.

A política internacional passa a ser dominada pela bipolarização entre os Estados Unidos, por um lado, e a China e a Rússia, por outro lado. Em 2014, a anexação da Crimeia vai pôr à prova a coesão da coligação entre as duas grandes potências continentais revisionistas.

A decisão de Xi força Putin a dar forma à União Euroasiática. Em 2013, Moscovo decide criar uma União Económica Euroasiática, cuja credibilidade reclama a integração da Ucrânia. Mas Kyiv prepara-se para assinar um Acordo de Associação com a União Europeia, que é incompatível, nos seus próprios termos, com a adesão à União Económica Euroasiática²². Putin obriga o Presidente Viktor Yanukovich a escolher Moscovo, mas a ruptura com Bruxelas provoca um levantamento das correntes nacionalistas ucranianas, que ocupam o centro de Kyiv durante os meses de Inverno. O movimento Maidan acaba por prevalecer contra o Presidente Yanukovich, que foge para a Rússia quando se vai iniciar a intervenção militar russa na Crimeia, em 28 de Fevereiro de 2014²³. Três semanas antes, no dia 6 de Fevereiro, véspera da abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi, Xi encontra-se com Putin, mas ninguém dá. pelo menos publicamente, importância a essa reunião²⁴.

A anexação da Crimeia e a insurreição armada das milícias russas no Donbas, que está na origem da "guerra híbrida" na Ucrânia Oriental, confirmam a estratégia de Putin centrada na ruptura com a ordem internacional e no realinhamento com a China. A República Popular da China não reconhece a anexação da Crimeia, nem condena a Rússia e, em Maio, a cimeira anual entre Xi e Putin em Shanghai consolida a **Entente** revisionista e garante o acesso da China às reservas estratégicas de hidrocarbonetos da Sibéria com a construção de um novo gasoduto, o **Power of Siberia**.

Em Junho, a Ucrânia acaba por assinar o Acordo de Associação com a União Europeia que marca a fronteira com a União Económica Euroasiática, fundada pela Rússia, pela Bielorrússia, pela Arménia e pelo Kazaquistão - o Kirguistão vai entrar mais tarde. As tensões entre a União Económica Euroasiática e as parcerias da **Belt and Road Initiative** na Ásia Central são evidentes desde a primeira hora, o que justifica a decisão de Xi e Putin de declarar os dois projectos complementares, logo no ano seguinte²⁵.

²¹ Rush Doshi (2021). *The Long Game. China's Grand Strategy to Displace American Order*. Nova York: Oxford University Press.

²² Anders Aslund. *Ukraine's Choice. European Association Agreement or Eurasian Union?* Peterson Institute for International Economics Policy Brief, Setembro de 2013.

²³ Serhii Plokhy (2017). *The Gates of Europe. A History of Ukraine*. Nova York: Basic Books.

²⁴ "Meeting with President of China Xi Jinping", President of Russia, 6 de Fevereiro de 2014. "Xi Jinping Meets with President of Russia, Vladimir Putin", PRC Consulate-General, Toronto, 6 de Fevereiro de 2014.

²⁵ Alexander Gabuev. "Eurasian Silk Road Union. Towards a Russia-China Consensus?" *Diplomat*, 5 de Junho de 2015. Martin Kaczmarski, Witold Rodkiewicz. *Russia's Greater Eurasia and China's New Silk Road: adaptation instead of competition*. OSW Center for Eastern Studies OSW Commentary, 21 de Julho de 2016. Ver também "Russia, China, agree on integration of Eurasian Economic Union, Silk Road Projects", TASS, 8



O Kazaquistão, onde a China constrói o porto-seco de Khorgos, é crucial na conexão ferroviária que liga Xian, Moscovo e Duisburg no corredor norte, assim como na conexão energética dos gasodutos que ligam o Turquemenistão à China, no corredor central das novas "Rotas da Seda". O corredor sul liga o Xinjiang directamente ao Paquistão - o "Corredor Económico China-Paquistão - e termina no porto de Gwadar, no Indico. Na conjuntura, a divisão do trabalho que prevalece na Ásia Central post-soviética valoriza a posição decisiva da Rússia na dimensão securitária e a da China na dimensão económica e garante a co-existência das duas grandes potências na "Eurásia Central".

No mesmo sentido, a convergência sino-russa define o quadro dos alargamentos sucessivos da SCO. Em 2017, a Índia entra pela mão da Rússia, que quer contrabalançar a posição tendencialmente hegemónica da China na construção da "Grande Eurásia"; o Paquistão entra pela mão da China, para manter a balança entre as duas potências nucleares da Ásia do Sul; e o Irão, alinhado com a Rússia na guerra civil da Síria e com a China para resistir ao isolamento imposto pelos Estados Unidos e às sanções internacionais, completa o processo de adesão como membro permanente em 2022; o Afeganistão, a Mongólia e a Bielorrússia têm o estatuto de observadores; e a Turquia anuncia a sua candidatura para 2024 - seria o primeiro Estado membro da NATO a entrar na instituição multilateral que dá forma à "Grande Eurásia" e é um pilar fundamental da ordem neo-imperial que as potências do eixo Moscovo-Pequim-Teerão defendem como alternativa à ordem internacional das Nações Unidas²⁶.

Em 2022, a invasão da Ucrânia pela Rússia e, sobretudo, o prolongamento da Guerra Russo-Ucraniana depois do fracasso inicial da ofensiva russa, vai confirmar a aliança sino-russa - o cenário geopolítico mais perigoso para os Estados Unidos, na previsão de Zbigniew Brzezinski²⁷ - e transformar a balança entre as duas principais potências revisionistas.

Tal como em 2014, a ofensiva russa é precedida por uma cimeira entre Xi e Putin, na véspera dos Jogos Olímpicos de Inverno, desta vez em Pequim. Mas, em 2022, ninguém pode ignorar a importância decisiva da reunião entre os dois Presidentes nas vésperas da invasão da Ucrânia. Xi e Putin aprovam uma Declaração Conjunta que marca a convergência da Rússia com a China nas principais questões da política internacional e qualifica a relação bilateral, pela primeira vez, como uma "amizade sem limites"²⁸. A reunião cimeira de 4 de Fevereiro de 2022 marca o fim da velha ordem internacional²⁹ e a invasão da Ucrânia confirma a escalada na luta pelo poder entre as principais potências e a divisão irreversível entre o "Ocidente alargado" e a coligação oriental.

de Maio de 2015. "Xi Jinping Holds Talks with President Vladimir Putin of Russia". Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China, 8 de Maio de 2015.

²⁶ Yuan Jing-dong. "Forging a New Security Order in Eurasia. China, the SCO, and the Impacts on Regional Governance". Chinese Political Science Review, 20 de Junho de 2022. Ver também Andrei Kortunov (2017). SCO: The Cornerstone Rejected by the Builder of a New Eurasia? Moscovo: Russian Institute of International Affairs. Alexander Lukin (2021). "Sino-Russian Rapprochement and Greater Eurasia. From Geopolitical Pole to International Society?" Journal of Eurasian Studies 12 (1): 28-45.

²⁷ Zbigniew Brzezinski (1997, 2002). The Grand Chessboard: 55. Nova York: Basic Books. Ver também Hal Brands (2022). "The Eurasian Nightmare. Chinese-Russian Convergence and the Future of American Order". Foreign Affairs, 25 de Fevereiro de 2022.

²⁸ François Godement. L'invasion de l'Ukraine. La Chine pèse ses intérêts. Institut Montaigne, 15 de Março de 2022.

²⁹ Timofei Bordachev. Introduction in Timofei Bordachev et al (2022). Russia-China Strategic Partnership in the Context of the Crisis in Europe: 4. Valdai Discussion Club Report.



A Guerra Russo-Ucraniana - o golpe-de-mão que devia decapitar o Estado ucraniano transforma-se numa guerra prolongada - vai revelar as vulnerabilidades da Rússia, que justificam a percepção quer das elites chinesas, quer das elites norte-americanas, sobre a decadência russa. A aliança entre as duas potências continentais não é posta em causa - a neutralidade chinesa é uma fraude, desde a primeira hora e a missão euroasiática do Embaixador Li Hui confirma o alinhamento fundamental entre Pequim e Moscovo. Mas a coligação revisionista passa a ser dirigida pela China que, pela primeira vez na história internacional, passa a ser a principal potência continental na Eurásia³⁰.

Referências

- Aslund, Anders (2013). *Ukraine's Choice. European Association Agreement or Eurasian Union?* Peterson Institute for International Economics Policy Brief, Setembro
- Bader, Jeffrey (2013). *Obama and China's Rise. An Insider's Account.* Nova York: Brookings Institution.
- Bailes, Alyson et al (2007). *The Shanghai Cooperation Organization.* SIPRI Policy Paper 17
- Bordachev, Timofei (2022). *Introduction* in Timofei Bordachev et al (2022). *Russia-China Strategic Partnership in the Context of the Crisis in Europe: 4.* Valdai Discussion Club Report
- Brzezinski, Zbigniew (1997, 2002). *The Grand Chessboard: 55.* Nova York: Basic Books
- Callahan, William (2016). "China's 'Asia Dream'. The Belt and Road Initiative and the new regional order". *Journal of Asian Comparative Politics: 1-18*
- Clinton, Hillary (2014). *Hard Choices. A Memoir.* Nova York: Simon and Schuster.
- Dallin, David (1949). *The Rise of Russia in Asia.* New Haven: Yale University Press.
- Doshi, Rush (2021). *The Long Game. China's Grand Strategy to Displace American Order.* Nova York: Oxford University Press
- Friedberg, Aaron (2022). *Getting China Wrong.* Cambridge: Polity Press.
- Gabuev, Alexander (2022). "China's New Vassal". *Foreign Affairs*, 8 de Agosto.
- Godement, François (2022). *L'invasion de l'Ukraine. La Chine pèse ses intérêts.* Institut Montaigne
- Haas, Ryan(2023). *Fatalism in not an option for addressing China-Russia relations.* Brookings Institution, 17 de Março
- Hill, Fiona; Lo, Bobo (2013). "Putin's Pivot. Why Russia is Looking to the East". *Foreign Affairs*, 31 de Julho.

³⁰ Odd Arne Westad. "The Next Sino-Russian Split?" *Foreign Affairs*, 5 de Abril de 2022. Bobo Lo (2022). *Turning Point? Putin, Xi, and the Russian Invasion of Ukraine.* Lowy Institute. Alexander Gabuev. "China's New Vassal". *Foreign Affairs*, 8 de Agosto de 2022. Ryan Haas. *Fatalism in not an option for addressing China-Russia relations.* Brookings Institution, 17 de Março de 2023.



- Hormats, Robert (2011). *The United States "New Silk Road" Strategy*. U.S. Department of State, 29 de Setembro
- Jingdong, Yuan (2010). "China's Role in the Establishment of the Shanghai Cooperation Organization". *Journal of Contemporary China* 19 (67): 855-869.
- Jisi, Wang (2012). *Marching Westwards. The Rebalancing of China's Geostrategy*. Pequim: Center for International and Strategic Studies Report, 7 de Outubro
- Karaganov, Sergei (2017). "From East to West, or Greater Eurasia". *Global Affairs*, 25 de Outubro.
- Karaganov, Sergei; Bordachev, Timofei (2017). *The Turn To The East To Greater Eurasia*. Valdai Report. Toward the Great Ocean 5
- Korinman, Michel (1990). *Quand l'Allemagne pensait le monde*. Paris: Fayard
- Kuznetsova, Ekaterina; Inozemtsev, Vladimir (2013). "Russia's Pacific Destiny". *American Interest*, 10 de Outubro.
- Laruelle, Marlene (1999). *L'idéologie eurasiste ou comment penser l'empire*. Paris: L'Harmattan
- Laruelle, Marlene (2015). *Eurasia, Eurasianism, Eurasia Union*. PONARS Eurasia Policy Memo 336.
- Liik, Kadri (ed) (2014). *Russia's Pivot to Eurasia*. ECFR
- Lo, Bobo (2019). *Greater Eurasia. The Emperor's New Clothes or an Idea whose Time Has Come?* Paris: IFRI Russia NEI Reports
- Lo, Bobo (2022). *Turning Point? Putin, Xi, and the Russian Invasion of Ukraine*. Lowy Institute.
- Mankoff, Jeffrey (2015). *Russia's Asia Pivot. Confrontation or Cooperation?* CSIS, 2 de Fevereiro.
- Mankoff, Jeffrey (2022). *Empires of Eurasia. How Imperial Legacies Shape International Security*. New Haven: Yale University Press.
- Mankoff, Jeffrey (2023). "The War in Ukraine and Eurasia's New Imperial Moment". *Washington Quarterly* 45 (2): 138.
- Markey, Daniel (2020). *China's Western Horizon. Beijing and the New Geopolitics of Eurasia*. Oxford: Oxford University Press.
- Medcalf, Rory (2020). *Indo-Pacific Empire. China, America, and the Contest for the World's Pivotal Region*. Manchester: Manchester University Press
- Plokhyy, Serhii (2017). *The Gates of Europe. A History of Ukraine*. Nova York: Basic Books
- Putin, Vladimir (2011). "A New Integration Project for Eurasia. The Future in the Making" *Permanent Mission of the Russian Federation to the European Union*, 3 de Outubro
- Small, Andrew (2022). *No Limits. The Inside Story of China's War with the West*. Londres: Melville House.
- Troitskiy, Mikhail (2014). *The Sino-Russian Pivot and American Power*. MGIMO, Pin Points 40.



Wacker, Gudrun; Heiduk, Felix (2020). *From Asia-Pacific to Indo-Pacific. Significance, Implementation, and Changes*. SWP Research Paper 9

Westad, Odd Arne (2022). "The Next Sino-Russian Split?" *Foreign Affairs*, 5 de Abril.

Xuetong, Yan (2014). "From Keeping a Low Profile to Striving for Achievement". *Chinese Journal of International Politics* 7 (2): 153-184

Xuetong, Yan (2019). *Leadership and the Rise of Great Powers*. Princeton: Princeton University Press